

AS CONTRIBUIÇÕES DO ESTUDO DO CAMINHO DE PEABIRU COMO OBJETO DE DESENVOLVIMENTO DO TURISMO

Daniel Albuquerque PEREIRA¹
Pedro Sérgio MORA FILHO²

RESUMO: A pesquisa discute a importância do resgate da memória e da história para o futuro Bacharel em Turismo. A interdisciplinaridade da ciência do turismo dá abertura a um conhecimento pleno e abrangente da realidade e das inter-relações ligadas à atividade. Os estudos do Caminho de Peabiru permitem o resgate histórico e fomenta a problematização de novos objetos de estudo. A proposta dessa reflexão parte do pressuposto que compreendendo a história em sua totalidade o profissional em turismo atuará com mais ética e responsabilidade nos projetos e propostas de trabalho, nos quais possuirá subsídios para analisar e gerenciar problemas e empreendimentos com uma visão mais humanista e qualitativa, valorizando a cultura indígena que se encontra escondida nos porões da história do Brasil.

Palavras-chave: Caminho de Peabiru. Memória. Esquecimento. Futuro profissional.

1 INTRODUÇÃO

Com o passar dos anos o estudo do turismo aliado às outras áreas do conhecimento tem trabalhado em caráter interdisciplinar, principalmente com o conceito de resgate da memória e preservação do patrimônio histórico material e imaterial. Com o advento da interdisciplinaridade acadêmica o resultado se mostra positivo com a ampla abertura de possibilidades.

O presente buscou em outras áreas de conhecimentos como a geografia, a história e a sociologia fundamentos para sua elaboração. A Proposta expõe os aspectos geográficos, históricos e sociológicos para explicar a questão cultural da memória histórica e o processo que a classifica de acordo com os objetivos de quem conduz e dita as regras da sociedade.

Diante deste cenário a pesquisa discute a importância do resgate da memória subterrânea na formação dos futuros Bachareis em Turismo, para que

¹ Discente do Curso de Turismo e estagiário do Núcleo de Pesquisa da Graduação em Turismo da FAPEPE – Faculdade de Presidente Prudente, e-mail: daniel.pereira@uniesp.edu.br.

² Professor Mestre do Curso de Turismo e Coordenador do Núcleo de Pesquisa da Graduação em Turismo da FAPEPE – Faculdade de Presidente Prudente, e-mail: pedro.mora@uniesp.edu.br. Orientador do Trabalho.

atuem visando a pluralidade no exercício de sua profissão, sendo no âmbito da pesquisa, planejamento e da operacionalidade da atividade inserida dentro da sociedade. A partir desse pressuposto iniciou-se em 2005 algumas pesquisas no campo do turismo de peregrinação a partir da tomada de conhecimento sobre o Caminho de Peabiru, uma antiga rota indígena.

2 O CAMINHO DE PEABIRU

O Caminho de Peabiru trata-se de uma rota indígena antiga, cujo significado em guarani é “Terra sem males”. Essa rota atravessava os limites territoriais do nosso país até chegar ao Perú, ligando o Oceano Atlântico ao Oceano Pacífico, passando por matas, rios, pântanos e cataratas possuindo aproximadamente três mil quilômetros de extensão.

Esse caminho, ainda nos dias atuais cercado de mistérios, foi construído pelos índios da América do Sul. Partia de São Vicente ou Cananéia, litoral de São Paulo, entrava no Estado do Paraná cruzando-o de leste a oeste, adentrava o Chaco paraguaio, atravessava a Bolívia, ultrapassava a Cordilheira dos Andes até o sul do Perú encontrando a costa do Pacífico.

Além de possuir um tronco principal, o Caminho de Peabiru possuía vários ramais que ligavam as diversas regiões, mas também se caracterizava como praça de manifestações artísticas das nações indígenas manifestadas em lendas, rituais e cerimônias representadas em pinturas rupestres. Ao passar por esses caminhos os caminhantes produziam realidade, território e cultura diversificada, visto que os ramais e caminhos eram utilizados por diferentes nações indígenas. Segundo José Luiz dos Santos,

O desenvolvimento da humanidade está marcado por contatos e conflitos entre modos diferentes de organizar a vida social, de se apropriar dos recursos naturais e transformá-los, de conceber a realidade e expressá-la. A história registra com abundância as transformações por que passam as culturas, seja movida por suas forças internas, seja por consequência desses contatos e conflitos, mais freqüentemente por ambos os motivos (1996, p. 7).

Todas as interações realizadas na extensão do caminho produziram uma gama muito rica de cultura, folclores e lendas que são hoje objetos de estudos para muitas ciências, em especial a ciência do turismo.

Um dos ramais do Caminho de Peabiru passava pelo rio Paranapanema, na divisa entre os estados de São Paulo e Paraná. O citado ramal localizava-se nas proximidades do atual município de Presidente Prudente, no qual é denominado ramal Botucatu. Desde então, em posse de relatos antigos e mapas sobre a misteriosa rota, são desenvolvidos trabalhos e pesquisas sob a ótica de resgatar a memória histórica para compreender a formação da cultura, das territorialidades e do tempo, onde Saquet (2007) coloca que “o território significa tempo, temporalidades e territorialidades”. Portanto o Caminho de Peabiru significa tempo, o poder e a história das nações indígenas.

Ainda na questão da temporalidade, a partir de pesquisas e encontros, constatou-se que a maior parte do caminho foi descaracterizada pela atividade agrícola como declara o Professor Igor Chmyz da Universidade Federal do Paraná em entrevista feita pelo pesquisador Eduardo Augusto Werneck Ribeiro do Núcleo de Pesquisa da Graduação em Turismo à revista Saber Acadêmico da Faculdade de Presidente Prudente (2007),

Infelizmente, no caminho de Peabiru hoje nós temos poucas evidências, pois era uma marca muito superficial e que desapareceu com o primeiro trabalho agrícola. A primeira vez que o arado passou por ali acabou com a evidência. Eu constatei um trecho desse caminho, não propriamente do tronco, porque existia um tronco que vinha de São Vicente e passava na foz do rio Piquiri, entrando no Mato Grosso do Sul. O que constatei foi um chamado ramal, mais ao Norte dessa linha no município de Campina da Lagoa. Eu havia programado aquela pesquisa sem ter isso em mente, foi uma constatação que aconteceu lá no local. Eu já havia lido sobre o Peabiru, porque foi enfocado pelos historiadores, como por exemplo, Romário Martins, que dele faz uma reconstituição, faz um traçado. E depois o Maack, geólogo, faz uma planta. Deste modo, nós temos muitas informações de engenheiros que, durante trabalhos de medição de terra, encontraram trechos do caminho, vários pontos que vão se somando. (...) O que vimos batia exatamente com o que Montoya falava, batia exatamente com o que os engenheiros falaram sobre as características do caminho. Fomos acompanhando no meio da mata e ele desaparecia porque já havia uma clareira com plantio, mas, pelo sentido nós o encontrávamos na outra ponta do mapa. Fomos acompanhando assim por alguns quilômetros e era um caminho que, por exemplo, procurava não subir muito, ele contornava pelas encostas das elevações. Era um caminho que demandava muito tempo para ser percorrido, mas não exigia muito esforço do andante. Era um caminho lógico [risos]. O que me chamou atenção no momento foi que ao lado do caminho nós estávamos encontrando sítios arqueológicos, e todos eles ligados aos índios Jê. Todos os sítios encontrados no caminho estavam relacionados ao Jê. Começamos a pensar que a eles poderíamos

atribuir a prática do caminho terrestre, pois o Tupi-Guarani se comunicava e se movimentava preferencialmente pelo rio. Eram navegadores, canoieiros. E o Jê, ao contrário, sempre preferiu se locomover pela terra.

Dentro desta perspectiva, entende-se que as investigações devem basear-se na capacidade de problematizá-lo e de dar respostas ao objeto de estudo. Esses estudos, analisado de forma profunda e responsável pode auxiliar em um símbolo reconstruído para o desenvolvimento da atividade turística na região e envolvendo além da história o resgate da memória, das tradições indígenas e valorização de sua rica cultura.

A partir de pesquisas e trabalhos realizados com mapas antigos, principalmente do Professor Reinhard Maack (1892 – 1969), naturalista inglês e explorador do território paranaense, que na sua dissertação “Sobre o Itinerário de Ulrich Schmidel” descreveu o caminho percorrido por este alemão, que por motivos de herança familiar teve de retornar rapidamente à Europa. Schmidel, relata Maack, utilizou o antigo caminho para chegar mais rápido ao porto de Cananéia para embarcar rumo à Alemanha.

Existia um caminho secundário apontado por Maack, provavelmente ao longo do qual nossas pesquisas se desenrolaram, era o que saía do Peabiru, atravessava o rio Piquiri, talvez entre as bocas do rio Cantú e Carajá, atingia as cabeceiras do rio Campo Mourão, acompanhando-o até sua foz no rio Ivaí. Daí, seguia em direção Nordeste até atingir as cabeceiras do rio Pirapó. Acompanhava seu curso até a foz no rio Paranapanema. Deste ponto, o caminho seguia um traçado nordeste, atravessando os rios do Peixe e Aguapeí e atingindo a margem esquerda do rio Tietê. Neste ponto, ligava com outro caminho secundário que já vinha acompanhando o rio Tietê desde a sua foz no rio Paraná (CHMYZ, 1971, p. 29).

Com base nesta afirmação foram desenvolvidas pesquisas que considerassem a localização geográfica do caminho o mais fielmente possível utilizando fotos de satélites extraídas do software Sping/Inpe e utilizando as modernas ferramentas do SIG (Sistema de Informação Geográfica). Tendo como referenciais esses dados, foi elaborado um trabalho de cartografia temática, através da sobreposição de mapas antigos com os atuais, considerando as características geomorfológicas do terreno, como realizou a pesquisadora Ana Paula Colavite (2006, p. 29).

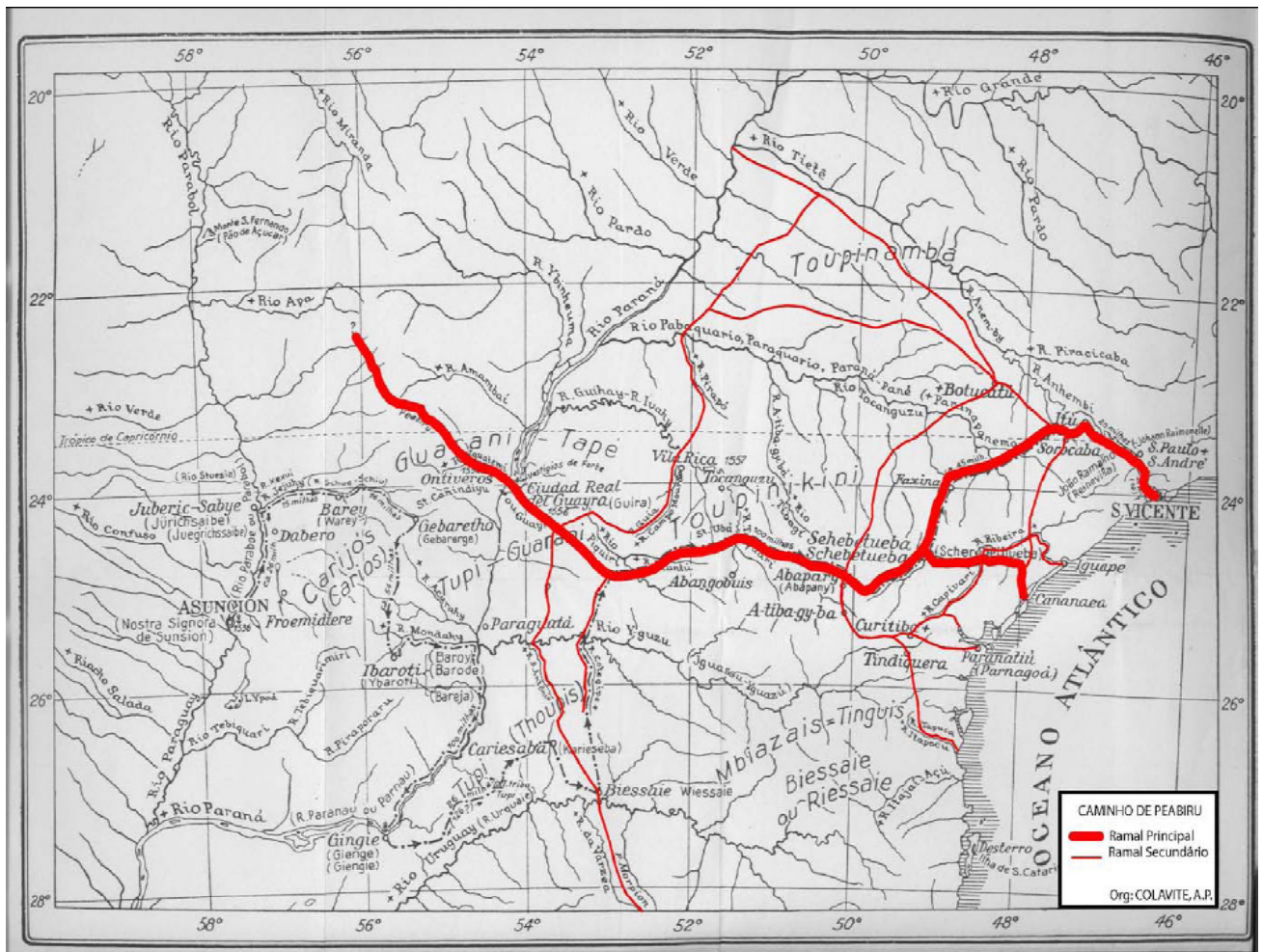


Figura 1: Mapa do antigo território do Guayrá, Colavite, 2006.

A fazer a leitura da figura 1, observa-se o ramal Botucatu dentro do estado de São Paulo, entre as cidades de Jardim Olinda – PR na foz do rio Pirapó com rio Paranapanema e de frente à foz do rio Pirapózinho dentro dos territórios dos municípios de Sandovalina e Tarabai, ambos no estado de São Paulo. O ramal continua seguindo até a altura da antiga estrada Boiadeira de Presidente Prudente – SP, quando ruma para o leste até a altura da cidade de Assis – SP.

Neste sentido, o Caminho de Peabiru torna-se um elemento importantíssimo para os estudos do turismo na região, visando a excelência na formação profissional, e principalmente de futuros pesquisadores do fenômeno do turismo, resgatando a história, símbolos e a memória que ocorrem no tempo e no espaço.

3 ESPAÇO E TEMPO

Esta parte do trabalho objetiva esclarecer o processo pelo qual passa a construção de um dos maiores patrimônios de um povo, sua memória histórica, buscando na geografia e na história os pontos relevantes para a formação deste cenário. Mostra também como ela é utilizada, sob a forma de ferramenta, para se “construir” a identidade de uma sociedade.

3.1 A FUNÇÃO DO ESPAÇO NO PROCESSO DE EVOLUÇÃO

O espaço geográfico está intrinsecamente ligado à construção da memória e identidade de uma sociedade. Suas características geomorfológicas, pedológicas, geológicas e climatológicas são determinantes para sua ocupação e o desenvolvimento das técnicas a serem utilizadas em sua evolução através do tempo.

Todos os eventos ocorridos dentro de um determinado espaço onde o homem já pisou é determinante para o processo de construção das características desse território.

Sem dúvida, o espaço é formado de objetos; mas não são os objetos que determinam os objetos. É o espaço que *determina* os objetos: o espaço visto como um conjunto de objetos organizados segundo uma lógica e utilizados (acionados) segundo uma lógica. Essa lógica da instalação das coisas e da realização das ações se confunde com a lógica da história, a qual o espaço assegura a continuidade (SANTOS, 2006, p 41).

A história decorre de todas essas ações, e partir dela definem-se as técnicas a serem utilizadas para a continuidade do processo evolutivo. Lembra Eduardo Yázigli: “O *possibilismo* reconhece a ação do homem através da história, o qual passa de uma fase de adaptação ao meio à sua modelagem, numa oposição ao *determinismo*” (2001, p. 32). Como parte deste processo evolutivo encontra-se a ação humana que seleciona de acordo com suas necessidades e interesses como será esse manejo. A partir do gerenciamento dessas ações surgem os fatos que marcam o espaço e definem a história do local delegando-lhe identidade e

peculiaridades que o distinguirá, posto que cultura e memória são produtos da ação humana.

Podemos conceituar a consciência histórica primeiramente pelo "espaço" que ela ocupa, ou seja, pelos condicionamentos que impõe à vida social, pelas condições das quais participa no processo de estabelecimento dos grupos humanos e de seu inter-relacionamento [...] a consciência histórica é o nome que estamos atribuindo a esses significados que são construídos em (e/ou por) cada grupo humano sobre si próprio, caracterizando-se no tempo e no espaço (CERRI, 2002).

O local é compreendido como um modo de articulação de modos de produção (YÁGIZI, 2001, p. 33), e tem a necessidade de ser compreendido em todo seu conjunto, partindo do geral ao específico em cada setor responsável de sua formação. Toda esta conjuntura apóia a análise de sua complexidade gerando resultados consistentes e novos objetos de estudos para muitas áreas do saber, configurando o espaço como fonte infinita de conhecimento.

4 A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA

Partindo da premissa que o espaço e seus eventos são determinantes para compor a memória, fica evidente que ela está diretamente ligada a interesses sociais de um determinado espaço e tempo. Contudo, é notório que a memória histórica é usada como ferramenta para moldar a identidade da sociedade de acordo com a conjuntura social, política e econômica na qual seu uso está ou estará inserido. Por isso, sua análise encontra-se em evidência para variadas áreas de conhecimento, e para Turismologia se apresenta como um grande campo de estudo, visto que a atividade turística produz realidade e consome espaço.

A problemática da memória vem se transformando nos últimos anos, em foco privilegiado de atenção, seja do ponto de vista das ciências biológicas (Neurofisiologia, Etologia), seja das ciências humanas (Antropologia, Sociologia e, sobretudo, História e Psicologia Social e estudos cognitivos). Apesar disso o campo de problemas a descoberto é ainda muito vasto (SILVA, 1999, p. 11).

Dentro desse contexto, a memória vem sendo manipulada com o intuito de doutrinar a população a seguir um modelo de sociedade imposto pelas elites. A

isso Michael Pollak (1989, p. 3-15) designa o nome de memória coletiva “[...] uma memória estruturada com suas hierarquias e classificações, uma memória também que, ao definir o que é comum a um grupo e o que, o diferencia dos outros [...]”.

No Brasil o período mais notável da implantação desse conceito de memória deu-se na década de 1930, onde o governo do então presidente Getúlio Vargas confrontou-se com uma crise de nacionalismo por parte dos brasileiros. A partir das expedições de desbravadores ao interior do país foram encontradas disparidades gritantes entre as regiões, observaram no sul, localidades de colonização europeia, em especial a alemã, que ensinavam as crianças nas escolas em língua materna.

Diante deste cenário, sentiu-se a necessidade de se criar heróis, e enaltecer fatos marcantes da história para trazer junto à população o sentimento de nacionalismo. Porém, nesse momento manipularam a história criando personagens com imagem de grandes homens importantes para a formação do Brasil. Implantou-se datas e eventos comemorativos, com a finalidade de fortalecer a memória oficial desviando as atenções da população de um possível interesse pela descoberta da verdadeira história.

É inegável que as comemorações, em particular as cerimônias de “culto aos aniversários”, têm um peso ainda considerável em nossos tempos, como vetores de integração social e legitimação. A comemoração paradoxalmente dispensa a recordação, já que a iminência do comemorado se abriga nos veículos que o suportam, favorecendo a *partilha* da memória alheia (SILVA, 1999, p. 17).

O caso mais notório são as bandeiras, onde um de seus personagens principais, o judeu-português convertido ao cristianismo, Antônio Raposo Tavares, que ao adentrar e desbravar as matas do interior do país, além de utilizar as antigas rotas indígenas, que ao comando de seu destacamento cometia-se as maiores barbáries, dizimaram populações inteiras de índios, saquearam, escravizaram, estupraram mulheres e faziam as maiores atrocidades com as crianças. Tais fatos foram impulsionados por fatores externos, como a corrida entre as potências colonizadoras, pela estruturação de um Estado forte que se reflete até hoje nas estruturas sociais do país, como afirma Caio Prado Júnior,

É com tal objetivo, objetivo exterior, voltado para fora do país e sem atenção a considerações que não fossem o interesse daquele comércio, que se organizarão a sociedade e a economia brasileiras. Tudo se disporá naquele

sentido: a estrutura bem como as atividades do país. Virá o branco europeu para especular, realizar um negócio; inverterá seus cabedais e recrutará a mão-de-obra que precisa: indígenas ou negros importados. Com tais elementos, constituirá a colônia brasileira. Este início, cujo caráter se manterá dominante através de três séculos [...] (1963, p. 26).

Para entender a sociedade atual é necessário buscar respostas nas raízes do modelo ideológico de colonização sofrida pelo Brasil. É neste ponto que entra a questão da memória subterrânea, pois se trata de uma estratégia, na qual ao se idealizar heróis não se considerou todas as ações de crueldade que o homem branco causou aos indígenas. A retaliação e substituição da história ao bel prazer dos interesses da elite foram estudadas por François Dosse,

A mudança e a ruptura não são mais significantes do sistema. O movimento histórico é pensado como uma repetição do mesmo, uma permanência na qual o inventariante tem primazia sobre o transformado. As diferenças detectadas no interior do sistema não passam, de diferenças de lugar, e a unidade prevalece sobre oposições entre elas. As contradições que podem incidentalmente emergir do processo histórico são reabsorvidas pela substituição de um termo por outro, preservando-se o substrato inicial (2001, p. 166).

A história verdadeira é ocultada de acordo com os interesses de uma elite que domina o cenário econômico, social e cultural do país. Pois seria na época mais conveniente tomar como heróis o homem branco europeu ou os indígenas? Na escolha do europeu como um personagem importante de nossa história, não poderia estar atribuída a sua imagem aos atos de barbárie e crueldade que lhes fora dispensado na conquista do território, utilizaram somente o único mérito que possui as bandeiras, o desbravamento do interior do país. Onde grande parte das rodovias, principalmente do estado de São Paulo, são construídas sobre os antigos caminhos indígenas, fato sistematicamente “esquecido”.

Com base nesses relatos históricos, define-se memória coletiva, àquela que é oficial que serve de ferramenta para manipulação e doutrinação da sociedade pela elite. Memória subterrânea é a que não interessa à essa elite dominante, pois para ela não é conveniente trazer à luz do conhecimento toda a história verdadeira. Para a ciência do turismo é importante levar ao conhecimento toda essa questão, pois influencia diretamente o campo das pesquisas para o desenvolvimento da atividade, o projeto Caminho de Peabiru é parte do resgate dessa memória subterrânea, fator importante na busca por novos objetos de estudo.

5 A PESQUISA PARA A FORMAÇÃO DO BACHAREL

Muitas são as discussões acerca do papel das universidades no campo de desenvolvimento do capital humano no país, questões como valorização à cultura, à história e desenvolvimento de novas técnicas de ensino e fomento às pesquisas estão em evidência. Inegavelmente a inserção de mais indivíduos em salas de aula poderá melhorar a médio e longo prazo a qualidade dos profissionais do mercado, porém para que isso aconteça é necessário que haja um aumento não só no número de vagas como também na qualidade da educação oferecida pelas Instituições de Ensino. Para Gonçalves (2006) “a educação é o segundo nascimento do homem”.

Com base nesta premissa, os estudos de resgate da memória e da história para a valorização da ciência do turismo realizados pelo Núcleo de Pesquisa da Graduação em Turismo, tendo como objeto de estudo o Caminho de Peabiru, traz à luz do conhecimento a importância da pesquisa e da interdisciplinaridade na formação do futuro Bacharel em Turismo. Partindo do princípio que é necessário obter cabedal suficiente para atuação profissional, desenvolvendo desde a graduação ações extensivas à comunidade valorizando sua memória e tornado-a ciente de seu papel perante a sociedade.

A pesquisa mostra que ao resgatar a memória subterrânea a turismologia estará produzindo conhecimento e melhorias no espaço produzido pelo fenômeno. Conforme o estudo da Prof. Moesch,

Compreender a problemática do desenvolvimento crescente da atividade turística é relevante não só à medida que seus produtores, vendedores intermediários, consumidores continuam produzindo, vendendo e consumindo sem limites e critérios, sem outro fim que o seu próprio benefício e a satisfação egoísta do consumidor, mas pela persistência do problema, disfarçando nas concepções implícitas destes conceitos. Essa postura, emergente de uma cultura capitalista, desconhece a essência do fenômeno turístico, o qual exerce uma pressão crescente sobre a produção da subjetividade social, o ecossistema, o modo eclético, a herança cultural, existentes nas localidades visitadas, gerando agenciamentos possíveis de ressignificação com a realidade, por meio da relação entre visitantes e visitados (2002, p. 14).

Compreendo a complexidade do fenômeno do turismo através das pesquisas de resgate histórico, o profissional atua de forma qualitativa sobre a

comunidade, respeitando a população autóctone e mitigando os impactos causados pela atividade.

A educação sempre foi um processo de vital importância para a sobrevivência do ser humano, para a formação de suas capacidades e do seu caráter, sobretudo se considerar, como base para sua sobrevivência, a observação do meio social que o acolhe e, por consequência a manutenção do meio (GONÇALVES, 2006, p. 69).

Nesta vertente, o estudo do Caminho de Peabiru trará aos envolvidos subsídios e retos teóricos e práticos para o desenvolvimento da atividade com uma postura ética.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conhecimento da história através dos tempos caracterizou-se como uma ferramenta de manipulação que atua sobre a massa populacional. Atribuiu-se à história *status* de moeda de barganha entre a classe política e a detentora do capital financeiro e do conhecimento, porém na maioria das vezes esses grupos sociais se confundem.

Contudo, essa realidade vem se transformando paulatinamente desde a redemocratização da política brasileira, todavia ainda muito prejudicada pela herança cultural do período ditatorial, pelo qual o Brasil viveu oficialmente por mais de duas décadas. Tal conjuntura se refletiu no ensino de história nas escolas, em destaque, as escolas públicas, que na década de 1990 ainda se utilizavam dos antigos heróis idealizados na década de 1930 e fortemente difundidos durante os anos de repressão. Na mesma década de 1990, em troca de um currículo escolar que privilegiava uma educação humanista e reflexiva, foram adotados métodos tecnicistas que privam os alunos de obter uma postura crítica e questionadora da sociedade em que estão inseridos, sendo observado na falta de disciplinas como a sociologia, antropologia e a filosofia, uma herança dos anos da ditadura militar que aos poucos está mudando.

Na atualidade os estudantes ingressados nas universidades oriundos dessa geração, sentem a dificuldade de expor o seu ponto de vista nas discussões

realizadas em salas de aula. Porém ao tornar-se um universitário e ter o primeiro contato com as pesquisas e o conhecimento vê em sua frente um mundo de possibilidades, no qual direciona sua conduta para o compromisso com a investigação e o saber.

O presente mostra esta realidade, pois buscou em diversas ciências como a geografia, a história, a antropologia e a sociologia recursos para seu desenvolvimento. As pesquisas acerca do Caminho de Peabiru fornecem subsídios para a formação do futuro turismólogo com vistas ao aumento da qualidade profissional inserida no mercado. A proposta de resgate da memória histórica e suas práxis visam à ética, o respeito e busca por desenvolvimento de pesquisas através de metodologias para mitigar os problemas decorrentes do fenômeno do turismo, como o impacto de culturas diferentes no ato do deslocamento e da visitação.

BIBLIOGRAFIA

BANDUCCI JR., Álvaro; BARRETTO, Maragarita. **Turismo e identidade local: Uma visão Antropológica**. Campinas – SP: Papirus, 2001.

BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BUENO, Eduardo. **Náufragos, traficantes e degredados: as primeiras expedições ao Brasil, 1500-1531**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

CAMARGO, Haroldo Leitão. **Patrimônio histórico e cultural**. São Paulo: Aleph, 2002.

CERRI, Luis Fernando. Ensino de História e Nação na Propaganda do "Milagre Econômico". In.: **Revista Brasileira de História**. Vol.22 n.43. São Paulo ANPUH/Humanitas, 2002.

CHYMIZ, Igor. **Dédalo**. Ano VII Nº 13, junho de 1971.

COLAVITE, Ana Paula. [Contribuição do geoprocessamento para a criação de roteiros turísticos nos caminhos de Peabiru-PR](#). 2006. Dissertação (mestrado) Programa de pós-graduação em Geografia, Universidade Estadual de Londrina, 2006

DOSSE, François. **A história à prova de tempo: a história em migalhas ao resgate do sentido**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

GONÇALVES, Júlio César. Educação e conhecimento: o segundo nascimento do homem. In: **Revista Saber Acadêmico**. Vol. 1 n. 3. Presidente Prudente: FAPEPE, 2007.

HOLANDA, Sergio Buarque de. **Época Colonial: do descobrimento à expansão territorial**. 14 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. **Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil**. 6ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1994.

MOESCH, Marutschka Martini. **A produção do saber turístico**. São Paulo: Contexto, 2002.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo**. 2ª ed. São Paulo: Aleph, 2001.

PRADO JR., Caio. **A formação do Brasil contemporâneo: colônia**. São Paulo: Brasiliense, 1963.

POLLAK, M.. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, América do Norte, 2 1 06 1989.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. SP: Ática, 1993.

SANTOS, José Luíz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: tempo e técnica, razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2006.

SAQUET, M. A.. **Abordagens e concepções sobre território**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SILVA, Zélia Lopes da. **Arquivos, patrimônio e memória: trajetórias e perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP: FAPESP, 1999.

YÁZIGI, Eduardo. **A alma do lugar**. São Paulo: Contexto, 2001.